

EDITORIAL

A saudável contramão dos Estudos Clássicos no Brasil

Constatam-se, nos últimos tempos, aviltantes agressões institucionais contra os **Estudos Clássicos**. Em certa notícia que circula em listas de discussão na *web*, por exemplo, encontra-se a seguinte proposta de reestruturação de um Departamento de Estudos Clássicos e Filosofia: a) redução em 40% das vagas do bacharelado em **Estudos Clássicos** e **História Antiga** a partir de 2012; b) realocação da equipe de Filosofia, o que inclui Filosofia Antiga, que passará a ficar lotada no Departamento de Política e Relações Internacionais; c) transferência dos demais Professores-Pesquisadores para o departamento de Inglês (*sic!*). O chefe desse Departamento, naturalmente consternado, dá testemunho de que, quando estiverem concluídas tais mudanças, em 2014, dos 11 cargos docentes remanescentes, 6 desaparecerão e 5 serão assumidos pelo Departamento de História. O que há de aterrador nessa tentativa de liquidação de um departamento de Clássicas é o fato de ela não ter partido de uma pequena Universidade, localizada em algum país sem tradição na área dos Estudos Clássicos; antes, partiu do *College Council* do *Royal Holloway College* da *University of London*, com o intuito de redimensionar seu Departamento de *Classics and Philosophy*. Nunca é demais lembrar que o *Royal Holloway College* é uma sólida e respeitada instituição, fundada em 1886, que conta com reconhecimento internacional em nossa área.

Em sua forma empresarial, esse mesmo tipo de ataque pode ser facilmente observado em muitos países. Há, por exemplo, a *reengenharia* administrativa, cuja principal iniciativa é sempre a mesma: a diminuição do número de vagas de alunos, acompanhada de suas consequências imediatas (a necessária e natural redução do quadro de docentes, de pesquisas em curso e, por fim, de publicações). Também é notável que isso ocorra num momento em que, em quase todos os cantos do mundo, se verifica um envelhecimento do quadro de estudiosos e um ritmo de renovação muito lento. Não se deve, contudo, entender que esse dado seja necessariamente um mal em si mesmo. Em definitivo, não o é. Mas a convivência entre os mais antigos e os mais novos, com frequência e ritmo de trabalho regular e cotidiano, sempre foi muito salutar, para não dizer indispensável, a fim de que o conhecimento seja transmitido e discutido e, a partir daí, se desenvolva. É muito comum observar, hoje em dia, que vários resultados de pesquisa não levam em consideração, quando necessário, aquilo que nossos antigos mestres ensinaram,

de sorte que se arrisca continuamente a proceder, em certa medida, a momentos de “invenção da roda”, com evidente prejuízo para a economia ótima do investimento de tempo e esforço, requeridos pelos trabalhos empreendidos em nossa área do saber.

Em suma, o risco que por décadas afetou o Brasil assola hoje países centrais e universidades consagradas no âmbito dos Estudos Clássicos. Isto é, o vilipêndio dos estudos em Humanidades em geral e, especificamente, dos **Estudos Clássicos**. Não foi raro, na Universidade Brasileira, que essa classe de estudos sofresse historicamente uma forte oposição. A justificar semelhante tratamento, sobejavam argumentos de mentes brilhantes, pautados por diversos matizes de pensamento: a distância geográfica e temporal de nosso objeto; a falta de relação com a realidade nacional; a escassa demanda por esse tipo de conhecimento; a impossibilidade de determinar com precisão o impacto que essa classe de estudo traz ao desenvolvimento regional e, até mesmo, os perigosos desdobramento ideológicos, na aparência, intrínsecos aos Estudos Clássicos, pelo modo como foram indevidamente apropriados pelos regimes de exceção, para não mencionar os fascistas. A despeito, entretanto, dessa grosseira e desqualificada oposição, os **Estudos Clássicos** no Brasil sobreviveram. Mais que isso, frutificaram, haja vista a própria fundação da SBEC em 1985.

Apesar de a estrutura universitária brasileira ainda não contemplar um Bacharelado em **Estudos Clássicos** – e eis, aqui, uma boa sugestão aos gestores universitários – como ocorre no Reino Unido e nos Estados Unidos, propiciando formação a um só tempo mais específica e diversificada em nossa área de atuação, aquilo que foi o embrião dos anos 80, representado por **nossa Sociedade Científica**, pode ser vivamente aferido pelos índices de qualidade de nossos pesquisadores em Arqueologia, Filosofia, História e Oriente Antigos e Letras Clássicas, em grande parte do território nacional. Tais profissionais, a cada dia, focalizam interlocuções internacionais em suas pesquisas, interagem com colegas de outros países, publicam, palestram, comunicam fora do Brasil, sem, contudo, abandonarem suas origens, sempre retornado aos seus interlocutores primeiros, congregados pela SBEC e acolhidos por **Classica**.

Por tudo isso, é com grande satisfação que hoje apresentamos o número 21.2 (2008) de **Classica** a todos os sócios da SBEC e aos estudiosos do Brasil e do mundo, para que nosso diálogo mantenha-se vivo e profícuo. Boa Leitura!

PAULO MARTINS
Universidade de São Paulo
Editor e Presidente do Conselho Editorial

JOÃO BATISTA TOLEDO PRADO
Universidade Estadual Paulista
Co-Editor